

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



CORREIA Pinto da Fonseca, Vergílio (Régua, 1888 - Coimbra, 1944)

Distinguido como *Doutor honoris causa* (1935) pela Universidade de Coimbra, Vergílio Correia começou por se licenciar em Direito (1911), antes de se tornar, em 1921, docente na disciplina de Estética e História de Arte na mesma instituição, sucedendo a Joaquim Martins Teixeira de Carvalho (1861-1921), deixando definitivamente para trás a sua formação jurídica inicial. Foi professor de Arqueologia (1923), de História da Antiguidade Oriental (1930) e de História da Antiguidade Clássica (1930). É ainda conhecida a vocação autodidacta do seu génio intelectual, sobretudo, no que se refere aos estudos de vertente histórica.

A sua carreira profissional esteve fortemente ligada à museologia e à museografia. Foi director do Museu Machado de Castro, desde 1929, função que acumulou com a docência e que desempenhou até à data da sua morte. A partir de 1933, os vários edifícios que compõem o museu sofreram uma importante reestruturação sob a sua tutela. Este plano de reformulação tinha como directriz central a preservação da integridade dos imóveis, conferindo interesse à dimensão estética da arquitectura, não descurando a dinâmica da lógica expositiva dos objectos. Para além disso, a preponderância que atribuiu à colecção escultórica do museu transformou a instituição num dos mais importantes núcleos museológicos em Portugal, distinção que ainda hoje mantém. Por concurso, foi nomeado sucessivamente conservador do Museu Etnológico Português (1912-1915) e do Museu Nacional de Arte Antiga (1915-1921). A sua integração no primeiro museu, hoje Museu Nacional de Arqueologia, foi marcante para a sua carreira científica, devido à grande proximidade com José Leite de Vasconcelos (1858-1941), seu fundador e director à época, que muito o influenciou com as intervenções feitas no âmbito das colecções de arqueologia e de etnografia, ainda que se denote um claro afastamento na abordagem da investigação arqueológica. No que se refere à investigação e protecção patrimonial, assinala-se, ainda, o cargo que exerceu como director da Brigada do Centro de Inventário Artístico Nacional da Academia Nacional de Belas Artes, resultando numa publicação em vários volumes intitulada *Inventário Artístico de Portugal*, editados postumamente. Destaque-se o trabalho específico que realizou na investigação dedicada ao distrito e à cidade de Coimbra, com contribuições de António Nogueira Gonçalves.



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Os suportes principais dos seus trabalhos de investigação foram, especialmente, a pesquisa documental e o exame directo dos monumentos, preferindo “o íntimo contacto com a realidade, ou [...] o abandono do livro pela observação e o inquérito pessoal dos factos” (*Dr. Vergílio Correia*, 1945, p. 8). Tendencialmente, a sua escrita dava primazia aos factos inéditos e objectivos em detrimento da teorização e enquadramento dos objectos em estudo, atitude não isenta de marcas positivistas: “Antes de expor ideias é necessário alicerçá-las com factos. Antes de expor ideias gerais, fatalmente inconsistentes por infundamentadas, e que, [...] temos de organizar o relato minucioso e fiel dos documentos. [...] É este o método que entendo seguir nos estudos de história artística, em cuja elaboração os documentos têm de ser a pedra angular” (*Vasco Fernandes: mestre do retábulo da Sé de Lamego*, 1924, pp. IX-X). Esta atenção para com os documentos históricos é evidente nas suas diversas publicações que incluíam a transcrição de fontes, como a sua investigação sobre a construção do Mosteiro de Santa Maria de Belém, em Lisboa; os estudos que conduziu sobre o retábulo da Sé de Lamego, admitindo a sua atribuição a Vasco Fernandes; ou a edição quase integral que fez do *Livro dos regimentos dos officiaes mecanicos: da mui nobre e sepre leal cidade de Lixboa (1572)*.

No campo das publicações, iniciou a sua prolífica actividade muito jovem, aos 24 anos, com a obra *Lisboa Préistorica*, e com a monografia *A Igreja de Lourosa da Serra da Estrela*, ambas publicadas em 1912. A sua morte prematura interrompeu a finalização de alguns dos trabalhos que tinha em curso, deixando incompleta uma vasta obra que reflectiu um interesse tripartido. A História da Arte, a Arqueologia e a Etnografia foram as áreas em se que focaram os seus principais trabalhos, que considerava disciplinas metodologicamente indissociáveis e com objectivos comuns. As suas investigações no domínio da arqueologia tiveram, também, repercussões práticas, através de várias escavações arqueológicas, destacando-se os trabalhos na *villa* romana de Freiria (1912), nos dólmenes de Pavia (1921), em Alcácer do Sal (1925, 1930) e em Conímbriga (1936), e mais propriamente o seu trabalho sobre o criptopórtico de *Aeminium* (1930-1944). No âmbito da História da Arte, para além das contribuições já citadas anteriormente, como o estudo que dedicou a Vasco Fernandes (1924), destacam-se os seus trabalhos seminais no estudo da arte visigótica (1928), da pintura a fresco (1921), da arquitectura (1922, 1929, 1931), pintura (1923, 1928, 1932, 1934) e escultura medieval e renascentista (1940, 1941) ou da escultura tumular medieval em território português (1918, 1921, 1924, 1929), que constituem ainda trabalhos de consulta obrigatória. Foram ainda imprescindíveis para a afirmação da História da Arte enquanto disciplina os seus contributos na *História de Portugal*, dirigida por Damião Peres, uma obra maioritariamente colaborativa, composta pelos mais influentes intelectuais do meio científico. Já no que se refere à etnografia, é o principal responsável pela inclusão da arte popular neste domínio científico, chegando a verificar-se, devido aos seus contributos, uma sinonímia entre as concepções de etnografia e de arte popular. Os seus estudos tiveram maior incidência sobre a arte ornamental alentejana, desenvolvidos entre 1912 e os inícios dos anos 20. As traves



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

mestras das suas inovadoras percepções sobre etnografia, ditadas em jeito de caderno de intenções no seu primeiro fascículo de um conjunto intitulado *Arte Popular Portuguesa (A Águia, 1915, em três fascículos)*, ficaram incompletas, sendo que os seus principais contributos nesta área científica estão patentes em estudos dispersos e notas curtas, alguns destes compilados em *Etnografia Artística: Notas de Etnografia Portuguesa e Italiana*, de 1916. Com efeito, o seu estudo *Arte Popular Portuguesa* foi a primeira concepção metodológica para a análise das matérias da arte popular na investigação da etnografia e da antropologia em Portugal, num tempo em que as duas disciplinas se confundiam. Observando os objectos a partir de duas tipologias diversas: as obras materiais (arquitectura, bordado, trabalhos em tecido, tapeçaria, olaria, ourivesaria, cestaria, vestuário, alfaias agrícolas) e as imateriais (tradições, canções, literatura, música), procurou exaltar a sua dimensão estética e ornamental. A preponderância atribuída à arte produzida por gente de baixa condição, muitas vezes com fins utilitários, antecipa o aproveitamento destes objectos na difusão propagandística do Estado Novo através de um processo de folclorização da identidade nacional, no qual os seus trabalhos serão instrumentalizados, sobretudo o seu artigo *O Carro Rural* (1940) (“Metamorfoses da arte popular...”, 2002, p. 263). Embora os seus trabalhos de vertente etnográfica revelem uma aproximação dos objectos artísticos de cariz popular às matérias da História da Arte e uma tentativa de inclusão destas obras nos manuais artísticos, em certos trabalhos aprofunda o enorme fosso entre a arte erudita e a cultura popular, tratando a última como algo primitiva, rudimentar e limitada ou, dito de forma mais ligeira, como objectos simples, ingénuos, modestos (*A Águia, 1915*), comparando-a mesmo com a arte primitiva.

De destacar o seu contributo na identificação das manifestações da cultura nacional, na linha dos trabalhos de Martins Sarmiento ou de Leite de Vasconcelos, uma temática muito em voga em Portugal desde finais oitocentos. Para além dos seus trabalhos no âmbito da História da Arte, sublinha-se a sua intervenção nos assuntos de salvaguarda e conservação do legado artístico e patrimonial, cuja contribuição, em conjunto com outros nomes da intelectualidade portuguesa contemporânea, como Aarão de Lacerda, trouxe o assunto à ordem do dia.

Ao nível editorial, fundou e dirigiu a revista *Terra Portuguesa*, em colaboração com Sebastião Pessanha e Alberto de Sousa, publicada em Lisboa (1916-1927), e considerada como um dos contributos centrais para a observação da etnografia portuguesa durante a I República; assim como a revista *Arte e Arqueologia*, em Coimbra (1930-1933), onde fomentou e organizou os catálogos de ourivesaria, tecidos e bordados, faiança, em conjunto com António Nogueira Gonçalves. Colaborou, ainda, em diversa imprensa periódica (*Contemporânea, Rajada, A Pátria, O Século, Diário de Notícias, Feira da Ladra*, entre outros), foi secretário de redacção da revista *Atlântida* (1915-1920), e veio a ser director do *Diário de Coimbra* (1938-1944), em cujo interior concedeu um maior destaque à etnografia portuguesa.



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Noutros registos, pertenceu às comissões da Exposição de Sevilha, da reforma das Belas-Artes e do Trajo Popular, assim como participou em diversos eventos científicos nacionais e internacionais: congressos Luso-Espanhóis para o Progresso das Ciências (Cádiz, Salamanca, Lisboa e Barcelona), Congresso Internacional de Arqueologia (Barcelona, 1929, e Argel, 1930), Exposição do Mundo Português (1940), entre outros. Os seus trabalhos de investigação em Itália e Marrocos levaram à concepção de *Sequeira em Roma* (1923), através de um aturado trabalho de arquivo, e *Lugares Dalém: Azemôr, Mazagão, Çafim* (1923, reeditado com o título *Três Cidades de Marrocos*, 1950), procurando as influências magrebina na arte portuguesa do renascimento. A visita a Itália influenciou ainda o seu trabalho sobre a etnografia portuguesa, efectuando uma aproximação entre as concepções etnográficas portuguesas e italianas, datado de 1916. Foi igualmente um dos colaboradores da *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*.

A sua produção e investigação profícuas e o seu trabalho em diversas instituições culturais valeram-lhe ligações a várias sociedades culturais, nomeadamente à Academia Nacional de Belas-Artes, à Academia Portuguesa da História, à Deutsches Archäologisches Gesellschaft de Berlim, à Real Academia de la Historia, ao Instituto de Coimbra. Foi sócio honorário da Sociedade Nacional de Belas-Artes e oficial da Ordem de Santiago e recebeu, ainda, a Cruz Vermelha Alemã.

É conhecida a sua ligação à Maçonaria Portuguesa, chegando a publicar no Boletim Oficial do Grande Oriente Lusitano Unido. De resto, pouco se conhece sobre as suas preferências políticas. As recorrentes contribuições na revista *A Águia*, um dos órgãos principais de divulgação dos ideais nacionalistas e de tendência messiânica do movimento cultural *Renascença Portuguesa*, assim como a sua integração na Maçonaria, indiciam uma mais do que provável orientação republicana, tratando-se de duas das mais importantes instituições na implantação e manutenção do pensamento republicano. A expressão “sensibilidade republicana da nossa mocidade” (*Discurso pronunciado na cerimónia de Doutoramento...*, 1933, p. 18) utilizada por Joaquim de Carvalho para descrever a sua juventude com Virgílio Correia, aponta na mesma direcção.

Bibliografia activa: “Arte Popular Portuguesa” (I, II e III), *A Águia*, n.ºs 39, 45, 48, 1915; *A pintura a fresco em Portugal nos séculos XV e XVII: ensaio*, Lisboa, Imprensa Libânio da Silva, 1921; *Artistas de Lamego*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1923; *El neolítico de Pavia (Alentejo-Portugal)*, Madrid, Museo Nacional de Ciencias Naturales, 1921 [reedición: Lisboa, Colibri, 1999]; *Etnografía artística: notas de etnografía portuguesa e italiana*. Porto, Renascença Portuguesa, 1916; *História de Portugal*, direcção literária de Damião Peres, direcção artística de Eleutério Cerdeira, Barcelos, Portucalense Editora, 1928-1935 [vol. 1 – “O domínio romano”, “Arte visigótica”; vol. 4 – “Cultura”; vol. 5 – “Assistência e cultura”]; *Lisboa Préistorica*, Lisboa, Typ. de Antonio Maria Antunes, 1912; *Notas de arqueologia e etnografia do concelho de Coimbra*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1940; *Obras*, 5 vols., Coimbra, Universidade,

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

1946-1978; *Pintores portugueses dos séculos XV e XVI*, Coimbra, [s.n.], 1928; *Três túmulos: uma arca tumular do Museu de Santarém: sepultura de Fernão Gomes de Goes, em Oliveira do Conde: moimento do 1º Marquês de Valença, em Ourém*, Lisboa, Portugália, 1924; *Vasco Fernandes: mestre do retábulo da Sé de Lamego*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1924 (reedição: Coimbra, Universidade, Instituto de História da Arte, 1992).

Bibliografia passiva: ALMEIDA, Fernando de, *Vergílio Correia*, separata das *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, Coimbra, Ministério da Educação Nacional, Junta Nacional de Educação, 1971; CARVALHO, Joaquim de, *Discurso pronunciado na cerimónia de Doutoramento dos Professores Doutores Agostinho Celso de Azevedo Campos e de Vergílio Correia Pinto da Fonseca*, Separata de *Biblos*, 9 (9-12), Coimbra, Of. da Coimbra Editora, 1933; CARVALHO, Joaquim de, *Dr. Vergílio Correia*, Coimbra, Coimbra Editora, 1945; FRANÇA, José-Augusto, “Historiadores e críticos”, in *A Arte em Portugal no século XIX*, vol. II, 3ª ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1990, pp. 344-352; GONÇALVES, António Nogueira, *Evocação da obra do Doutor Vergílio Correia*, Separata das *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, Coimbra, Ministério da Educação Nacional, Junta Nacional de Educação, 1971; GUSMÃO, Adriano de, “Vergílio Correia Pinto da Fonseca”, in Joel Serrão (coord.), *Dicionário de História de Portugal*, Porto, Livraria Figueirinhas, 1992-2000 (1ª ed. 1963-1968), vol. II, pp. 191-192; LEAL, João, *Antropologia em Portugal: Mestres, Percursos, Tradições*, Lisboa, Livros Horizonte, 2006; LEAL, João, “Metamorfoses da Arte Popular: Joaquim de Vasconcelos, Vergílio Correia e Ernesto de Sousa”, *Etnográfica*, vol. VI (2), 2002, pp. 251-280; MENDES, Maria Teresa Pinto (org.), *Bibliografia de Vergílio Correia. 1909-1944*, Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade, 1970; ROSMANINHO, Nuno, “A historiografia artística de Vergílio Correia (1888-1944)”, *Revista da Universidade de Aveiro/ Letras*, n.º 12, 1995, pp. 161-185; TORRALBA, Luís Reis, MENDES, José Amado, CATROGA, Fernando, *História da História em Portugal. Sécs. XIX-XX*, [s.l.], Temas e Debates, 1998; “Vergílio Correia”, *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Lisboa, Rio de Janeiro, Ed. Enciclopédia, s.d. [1935-1960], vol. 7, p. 757.

Inês Meira Araújo



APOIOS:

